

Tempo & Argumento

e-ISSN 2175-1803

Apresentação do Dossiê “Decolonialidade e antirracismo na (re)escrita da História no tempo presente”

Organizadores



Claudia Mortari

Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, SC – BRASIL

lattes.cnpq.br/5924035925755472

claudia.mortari@udesc.br



orcid.org/0000-0001-8006-006X



Marcello Felisberto Morais de Assunção

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, RS – BRASIL

lattes.cnpq.br/0755660523657117

marcellofma@gmail.com



orcid.org/0000-0001-6978-6564



Nelson Maldonado-Torres

University of Connecticut

Storrs, CT – ESTADOS UNIDOS

uconn.edu/person/nelson-maldonado-torres/

nelson.maldonado_torres@uconn.edu



orcid.org/0000-0001-7738-7029



<http://dx.doi.org/10.5965/2175180317452025e0100>

Neste dossiê buscamos reflexões que estabeleçam pontes entre a decolonialidade combativa e os complexos processos de (re)escrita da História a partir da perspectiva dos chamados “condenados da terra”. Entendemos a decolonialidade combativa como um tipo de conjugação entre teoria/prática (práxis) que possibilita perceber/refletir/atuar e confrontar coletivamente a colonialidade e construir modos de ser, existir, sentir e pensar que contribuem para o processo incompleto de reumanização decolonial. (MALDONADO-TORRES, 2024; RADEBE; MALDONADO-TORRES, 2024). Não apenas fixando-os como objetos, mas na qualidade de agentes ativos no processo de estruturação e democratização da produção e reprodução do conhecimento no âmbito das Ciências Humanas e, em especial, na História (ASSUNÇÃO, 2022; 2024). Na contramão dessa perspectiva, uma parte expressiva da recepção do chamado giro decolonial na América Latina tem reproduzido uma lógica extrativista e neoliberal das epistemologias dos chamados “outros” do colonialismo e do racismo.

Está lógica transforma as teses decoloniais (assim como outras teorias subversivas em relação ao cânone) em *commodities* retóricas que produzem a acumulação de 'cheques simbólicos' para uma parcela da intelectualidade acadêmica ou artística, mas sem resultar na integração concreta daqueles que deveriam ser o centro de práxis decolonial: as pessoas a quem foram negadas a sua humanidade, seja por questões de classe, raça, gênero, religião e/ou sexualidade(s). Para além desse diagnóstico negativo, contudo, há mudanças quanto à entrada cada vez mais pujante dessas pessoas no espaço acadêmico, questionando as bases curriculares e epistemológicas não só dos cursos de História, mas das Ciências Humanas como um todo.

A História do Tempo Presente, nesse contexto, não pode estar alheia a essas transformações. Entendemos que o debate sobre passados/presentes traumáticos, negacionismos e o caráter público da história deve ser pensado a partir de aportes que levem em conta os espectros da colonialidade que constituem o Tempo Presente. Para isto, é preciso pensar geopolíticas outras do conhecimento que confrontem o epistemicídio fundado em políticas do tempo histórico passadistas, ou seja, que entendem que há uma ruptura profunda entre os males de um passado distante e a experiência do presente vivido. Portanto, neste dossiê, os textos selecionados se constituem de reflexões que estabelecem a intersecção entre os diversos dilemas do tempo presente e este

processo de (re)escrita da História, com ênfase especial nas pessoas que sofrem diretamente os efeitos dos espectros da racialidade/colonialidade.

A partir da perspectiva da decolonialidade combativa, recebemos sete textos que evidenciam a pujança do campo de estudos decoloniais para as Ciências Sociais e Humanas no Brasil, na América Latina e no mundo. O primeiro texto, de Danilla Aguiar, “(De)Colonialidade e a tradição negra radical no Brasil: um diálogo possível?”, evidencia a potencialidade dos diálogos entre as tradições radicais negras no Brasil e o pensamento decolonial, especialmente o diálogo entre o conceito de colonialidade do poder (Anibal Quijano) e racismo estrutural (Silvio Almeida, Denis Oliveira e outros). Em seguida, Amailton Magno de Azevedo, em “Autoria negra sob o prisma da crítica pós-colonial”, evidencia a riqueza da autoria negra (transnacional e transcultural), por meio da ótica de autores do campo pós-colonial, dialogando assim criticamente com a tradição decolonial.

Petrônio Domingues e Elaine Pereira Rocha, em “A História Negra nos Estados Unidos e no Brasil”, dão continuidade à leitura transnacional/transcultural das intelectualidades negras por meio de uma comparação entre as tradições da história negra (black history) estadunidense e brasileira. Mariléia de Almeida, em ““Eu sou preta, penso e sinto assim”: história e psicanálise nas confluências teóricas de Beatriz Nascimento e Neusa Santos Souza”, explicita a importância da psicanálise de Beatriz Nascimento e Neusa Santos, evidenciando o caráter disruptivo de suas analíticas do social. Nesta toada, Felipe Alves, em “E eu não sou um intelectual? A trajetória intelectual e política de José Correia Leite”, evidencia o caráter implosivo de uma história intelectual pensada de um ponto de visto afrorreferenciado, tendo como referente a trajetória do intelectual negro José Correia Leite.

Jonathan Lukinovic Hevia, em “Resignificar el pasado: monumentos, decolonialidad y resistencia en el espacio público latinoamericano”, esboça a importância dos processos de ressignificação dos monumentos a partir do contexto dos protestos chilenos de 2019. Por fim, Leandro Seawright, em “História e Inteligência Artificial: metodologia, semântica das máquinas e atitude decolonial”, produz diversos diálogos entre autorias críticas às apropriações das tecnologias e o pensamento decolonial, evidenciando os possíveis encontros entre estas perspectivas.

A obra que compõe a capa deste dossiê integra a série Mandinga (2025), em que o artista Tuan Gon reinventa o espaço expositivo como território ritual. No desenho, movimento, gesto e ancestralidade se cruzam, produzindo corpo que dança, incorpora e vibra em estado de presença que escapa ao olhar colonial. Formado em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (2015), Tuan Gon nasceu em Minas Gerais e cresceu no Distrito Federal, mas foi ao chegar a Florianópolis, em 2022, que sua pesquisa encontrou novas encruzilhadas. Ao se aproximar da cena cultural negra da cidade, passou a integrar um terreiro e a atuar como ogã, aquele que canta e toca para os orixás e para a comunidade de santo. Essa vivência, marcada pela coletividade e pela força da oralidade, tornou-se um dos alicerces de sua pesquisa estética e política. Agradecemos sua permissão para utilizar sua obra nesta edição da revista com nosso dossiê.

Registrarmos nosso agradecimento a todos/as/es que enviaram seus textos para o dossiê, e desejamos uma ótima leitura.

Referências

- ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Morais de. As injustiças de Clio revisitado: Clóvis Moura e a crítica da branquitude no campo historiográfico. **HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA**, Ouro Preto, v. 15, p. 231-252, 2022.
- ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Morais de. As políticas do tempo da branquitude. **Esboços**, Florianópolis, v. 30, p. 423-441, 2024.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. O que é crítica decolonial. Trad. Fábio de Amorim Vieira e Tathiana Cassiano. **Fronteiras - Revista Catarinense de História**, Florianópolis, n. 44, p. 10-39, ago./2024.
- RADEBE, Zandi; MALDONADO-TORRES, Nelson. Combative Decoloniality and the BlackHouse Paradigm of Knowledge, Creation and Action. **Africa Multiple**, 2024, p. 281-305.